

## **Relação entre graduandos e adultos mais velhos mediada pelas tecnologias digitais**

Andrea Vicente Toledo Abreu<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

O convívio entre as gerações é fonte profícua de conhecimentos e oportuniza aprendizagem para todos. Diante disto, instituições de ensino superior vêm se empenhando no desenvolvimento de práticas extencionistas que tenham o adulto mais velho como público alvo. O objetivo deste trabalho foi compreender e refletir sobre o aprendizado obtido pelos graduandos que delas participam. Para isto, foram selecionadas duas experiências de letramento digital, por meio das quais se buscou identificar não os ganhos obtidos pelos mais velhos, mas os dos graduandos que delas fazem parte. As bases teóricas sustentam-se nos estudos de Renato Veras, Meire Cachioni e Luis Aguilar no que se refere ao conhecimento intergeracional. O letramento e as mídias digitais são referenciados nos estudos de Sônia Livingstone e Magda Pischetola. Por meio de pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas com 10 acadêmicos com idades entre 19 e 30 anos, que participaram como formadores em projetos de extensão. Constatou-se que a relação entre as diferentes gerações atua como oportunidade de aprendizagem para todos. Especificamente para os jovens estudantes, os benefícios giram em torno das experiências e lições de vida, do reconhecimento da importância de superar os preconceitos, romper as barreiras e reconhecer o quanto os mais velhos são capazes de aprender e se inserir como sujeitos ativos em uma sociedade cada vez mais digital.

**Palavras-chave:** Conhecimento intergeracional. Letramento digital. Aprendizado colaborativo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Brasileira-Departamento de Pós-Graduação em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro – RJ



## INTRODUÇÃO

Pode-se considerar consenso que as tecnologias digitais tiveram, em pouquíssimos anos, seus domínios estendidos dos grandes centros tecnológicos governamentais para o cotidiano de países onde impera a democracia. Com isto, as pessoas tiveram e têm que aprender e se atualizar constantemente para acompanhar todos os avanços e novidades que surgem a cada novo *touch screen*. Na tentativa de contemplar também a população mais velha frente aos desafios do letramento digital, entendido aqui como garantia do direito básico à comunicação na sociedade atual, várias iniciativas têm sido realizadas no Brasil tornando possível a sua integração no mundo digital. Para a apresentação deste trabalho foram selecionadas duas delas. Uma realizada em instituição cultural em parceria com faculdades privadas e outra em uma universidade no estado de Minas Gerais, ambas com o objetivo de integrar o adulto mais velho em um mundo cada vez mais digital. De acordo com Zimermann *et al* (2011) “a tecnologia computacional promove conhecimento e desenvolvimento de informações, interação entre as pessoas e está presente no nosso dia a dia independente de sua faixa etária” (ZIMERMANN *et al*, 2011, p. 1). Assim sendo, iniciativas que os auxiliem neste sentido são deveras importantes.

Quando se submete um projeto nos referidos moldes, a editais de extensão nas universidades ou para a apreciação de gestores de instituições particulares, as justificativas giram em torno dos benefícios adquiridos pelos idosos ao terem contato com as tecnologias digitais, mas apesar de sua importância e dos bons resultados já apresentados em diferentes eventos do país, a proposta aqui é tratar do aprendizado obtido pelos graduandos que participam destas iniciativas. O convívio entre diferentes gerações atua como oportunidade de aprendizagem para todos. A abertura das instituições de ensino superior brasileiras para os mais velhos tem promovido uma verdadeira renovação de concepções acerca da última etapa do ciclo vital. Autores como Cachioni e Aguilar (2008a, 2008b), Cachioni (2002) (1998) e Veras e Camargo (1995) demonstram este fato nos resultados de suas pesquisas. Logo, a leitura que se propõem é de que os jovens estudantes são beneficiados em vários aspectos, em muitos momentos até mesmo mais que os idosos.

Na tentativa de verificá-la, realizou-se uma pesquisa qualitativa, quando se entrevistou 10 acadêmicos com idades entre 19 e 30 anos, de diferentes áreas, a saber: três alunos do

curso de Pedagogia, três de Sistemas de Informação, dois de Ciência da Computação e dois de Administração, que participaram como formadores em projetos de extensão. Pela completude de seus trabalhos ao abarcar os estudos preparatórios das entrevistas, seu processo de execução e a análise e interpretação dos dados, tal pesquisa foi construída fundamentada nos estudos de Gil (2002) e Minayo e Sanches (1993). O tópico que trata da apresentação e interpretação dos dados a explicitará detalhadamente.

## **EMBASAMENTO TEÓRICO E VIÉS EXTENSIONISTA**

A iniciativa que foi objeto da pesquisa que originou este artigo teve início em 2006 com um curso de iniciação em informática destinado a adultos mais velhos, realizada em instituição cultural no interior de Minas Gerais. Sob coordenação de uma professora ligada a uma faculdade particular e posteriormente a uma pública foi caracterizado como projeto de extensão ao ser submetido a editais e contou com o aporte de programas institucionais de apoio à extensão. Assim, sempre teve a participação de jovens estudantes de graduação como mediadores dos cursos, que a cada início do projeto, realizam estudos da fundamentação teórica e planejam os cursos a serem ministrados aos idosos nos laboratórios de informática da instituição cultural e da universidade. Todo o material didático é produzido pela equipe do projeto tendo o conceito “literacidade na internet” desenvolvido por Sônia Livingstone como parâmetro. A autora explica que a

*literacidade na internet* pode ser diferenciada de outras formas de literacidade na medida em que habilidades específicas, experiências, textos, instituições e valores culturais associados à internet se diferenciam daqueles associados ao impresso, audiovisual e outras formas de comunicação. (LIVINGSTONE, 2011, p. 21).

Este conhecimento está associado a diferentes desafios, desde as dificuldades de acesso iniciais com o *hardware* até a aquisição competências mais complexas, interpretativas e avaliativas que envolvem conteúdos e serviços que são abarcados de maneiras distintas na tecnologia ou no texto.

Os cursos são divididos duas etapas (básica e intermediária), mas os participantes não precisam deixar o projeto ao seu final, podendo permanecer pelo tempo que desejarem. Na primeira etapa os alunos: a) realizam discussão teórica sobre tecnologia, sociedade e terceira idade; b) familiarizam-se com a parte física do computador, com o sistema operacional,

editores de texto e navegação; c) identificam técnicas básicas de fotografia; d) são orientados para o acesso à internet e o uso de aplicativos em celulares; e) participam de redes sociais, de blog com temáticas de seus interesses; f) e criam vídeos contando suas histórias. Na etapa intermediária é dada continuidade ao já realizado, reforçando pontos que não foram completamente assimilados e introduzindo novos conceitos. Por isto busca-se: a) realizar novas discussões sobre cultura digital e terceira idade; b) reforçar o aprendizado sobre sistema operacional, editores de texto e navegação; c) introduzir editores de planilha, *slide* e programas mais complexos como editor de imagem e vídeo; d) potencializar técnicas de fotografia; e) introduzir novos recursos para o acesso à internet e o uso de aplicativos em celulares; f) dar continuidade à participação em redes sociais e blogs; g) promover o contato com outros idosos conectados na internet.

Para a realização do projeto são utilizados computadores, celulares, câmeras fotográficas e filmadoras, caixas de som e projetor multimídia. Os aplicativos computacionais usados são: Microsoft Windows; Libre Office; Internet Explorer; Google Chrome, Movie Maker e outros que se fizerem necessários no decorrer curso. As aulas são semanais com duração de duas horas, e acontecem entre os meses de Março e Dezembro, perfazendo um total de 60 horas.

Diferentes atividades são desenvolvidas pela parceria estabelecida entre os graduandos e os idosos. As que mais se destacam, na opinião dos jovens que participaram da pesquisa é o Blog da Vovó, onde os “vovôs e vovós *high tech* tornam públicas suas ideias, publicam poesias, receitas, dicas de moda, beleza, etiqueta, saúde, bem estar e defendem seus direitos de cidadãos, em uma sociedade cada vez mais digital.” (BLOG DA VOVÓ); o Memórias na Rede que tem como principais objetivos o registro das histórias dos mais velhos e o desenvolvimento de competências entre os graduandos na produção de áudio, vídeo, fotografia, oralidade e produção de textos; e o Leopoldina vista pela melhor idade por uma tecnologia de bolso, que busca por meio da fotografia, registrar a cidade mineira e suas características históricas por meio do olhar de adultos mais velhos.

Há de ressaltar, apesar de não ser o propósito deste texto, que ações como esta além de aproximarem a universidade da comunidade, contribuem para que os adultos mais velhos utilizem “as tecnologias para o desenvolvimento de suas habilidades sociais, autonomia

intelectual e entretenimento.” (ABREU; FERREIRA; GONZALEZ, 2016, p. 245). Tal constatação converge com os achados de Almeida e Menezes (2011) que argumentam que os conhecimentos adquiridos no manejo das tecnologias digitais corroboram para que as pessoas com mais idade, melhorem as condições de interação social e com isto previnam “o envelhecimento cerebral, mantendo o cérebro cognitivamente ativo e dinâmico” (ALMEIDA; MENEZES, 2011, p. 6). No que se refere aos objetivos desta discussão, Abreu, Ferreira e Gonzalez (2016) defendem que projetos extensionistas que envolvem adultos mais velhos contribuem para o desenvolvimento de competências profissionais pelos alunos bolsistas que podem trazer um ânimo novo ao processo educacional.

Inserir os acadêmicos em projetos que contemplem estas linguagens pode fazer com que se tornem multiplicadores de uma metodologia onde os docentes devam construir e trabalhar em conjunto com seus alunos não só para ajudá-los a aumentar capacidade, métodos, táticas para coletar e selecionar informações, mas, especialmente, para ajudá-los a desenvolverem conceitos, trabalhando com a ideia de aprender a aprender e vivenciar os processos de forma coletiva e colaborativa. (ABREU; FERREIRA; GONZALEZ, 2016, p.247).

Neste sentido, procura-se no próximo tópico, a partir de dados coletados junto a jovens que ministraram os cursos relatados, entender as relações que se estabelecem neste convívio intergeracional.

## **METODOLOGIA DO TRABALHO**

Para o desenvolvimento deste trabalho optou-se pela a pesquisa qualitativa, por interpretar “valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247), além de ser adequada para entender a complexidade dos fatos, fenômenos e processos específicos. Gil (2002) sugere que os pesquisadores interessados neste tipo de pesquisa precisam adotar preferencialmente atitudes positivas de escuta e de empatia o que implica conviver com a comunidade e partilhar seu cotidiano.

Minayo e Sanches (1993) elegem o conteúdo dos discursos ou da fala como fonte preferencial de dados neste tipo de investigação. Defendem que

a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos

determinados em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas. (MINAYO E SANCHES, 1993, p.245).

A reflexão sobre as considerações destes autores elegeu a entrevista como estratégia metodológica mais eficaz para os objetivos e contextos da pesquisa que deu origem aos dados que se apresenta.

A entrevista foi composta por três perguntas: a primeira questionava os graduandos formadores sobre os possíveis aprendizados que obtiveram ao ensinar os idosos a usar as tecnologias; a segunda tratava das dificuldades, naturais nos adultos mais velhos, em aprender a usar as tecnologias digitais, neste sentido, tinha-se interesse em saber se em algum momento ficaram desanimados e pensaram em desistir, e finalmente, a última questão prende-se com o pedido de relatarem uma passagem que os tivessem marcado emocional e/ou profissionalmente.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Cahioni e Aguilar (2008b) argumentam que o conceito de velhice foi historicamente construído

e integra ativamente à dinâmica das atitudes e dos valores culturais da sociedade. A marca social da velhice é estar em oposição à juventude. Em todas as culturas e em todos os tempos históricos, existe forte associação entre velhice, dependência, afastamento, improdutividade, isolamento desvalorização social, doença, incapacidade, declínio e morte. Em todos os contextos, é recorrente a oscilação entre a glorificação e a depreciação da figura do velho, a aceitação e a rejeição da velhice, o realismo e o idealismo na consideração das características da velhice e dos idosos (CAHIONI; AGUILAR, 2008b, p. 97).

Nos dados aqui sumariados a oscilação tende não a glorificar o idoso, mas a reconhecê-lo como sujeito capaz de atuar ativamente na sociedade, aprender, ensinar, integrar-se.

Sobre os aprendizados, questão disparadora das reflexões em questão, os depoimentos mostraram que o relacionamento com os idosos nas instituições de ensino superior proporcionam o reconhecimento da importância da sensibilidade e da persistência: “(...) não posso desistir de meus projetos se não tiver pelo menos lutado por eles”; “(...) não basta simplesmente dominar tal assunto ou ser o melhor na área, se não tivermos sensibilidade para saber o quê, o porquê e para que estamos trabalhando em determinada tarefa”.

Interessante destacar nas falas a palavra “novo” em contraste com a autodenominação dos idosos que em grande parte se consideram “velhos”: *“O que levo dessa experiência é que nunca é tarde para se aprender, para ir em busca do novo e que a força de vontade é algo primordial”*; *“Destaco a importância de superar os preconceitos, romper as barreiras e provar o quanto os idosos são capazes de aprender novos conhecimentos e se inserir como sujeitos ativos e participantes de sua sociedade”*; *“(…) era possível observar a cada clique um novo olhar por parte dos idosos, onde cada vez mais eles puderam experimentar e se apropriar destes novos recursos tecnológicos”*; *“A cada descoberta, a cada novo ensinamento, eles vibravam da forma mais pura e verdadeira que já pude ver”*.

Sobre as dificuldades e desafios em ensinar as tecnologias digitais aos mais velhos, a idade é apontada como entrave: *“(…) os idosos em relação aos mais jovens apresentam uma maior dificuldade em memorizar determinados conteúdos trabalhados; “Precisamos nos despir do que já conhecemos e mergulhar no novo, descobrir que o idoso tem um tempo muitas vezes diferente de um aluno mais jovem”*. No entanto, não é a idade a grande vilã, por ser superada, segundo os depoimentos, por problemas educacionais, sobrecarga de trabalho, falta de estímulo dos familiares e insegurança metodológica: *“(…) se formos levar por esse ângulo entram algumas outras questões como: falta de oportunidade de estudar, trabalhos, motricidade, cognição”*; *“Houve realmente muita dificuldade no início, afinal, tudo era novidade, ainda mais quando os adultos mais velhos que buscam se inserir, geralmente chegam desacreditados por parte dos seus familiares”*; *“Como todo trabalho de educação, este é mais um que nos traz uma variedade de problemas e dificuldades”*; *“Por diversos momentos, ficamos perdidos e confusos em desenvolver diferentes formas metodológicas para um melhor aprendizado dos mais velhos”*; *“Outra questão, é saber o que ensinar, perceber que quanto mais prática for a atividade desenvolvida para o idoso, mais sentido fará e melhor será seu processo de aprendizagem”*.

Em mais um contraste no entendimento dos conceitos jovem/velho, nos momentos mais trabalhosos, os jovens graduandos encontravam nos idosos estímulos para continuar: *“Em ocasiões de desânimo, o que nos motivava eram os próprios alunos com sua vontade de crescer, de aprender, de saber, de ser”*; *“Pensei em desistir, mas cada vez que me deparava com o tamanho do amor que eles me devotavam, com a importância que eles davam àquelas aulas, pela disciplina e boa vontade que tinham de estarem ali presentes, era impossível que*



*eu deixasse o barco, sabendo estar ali uma fonte de saber e alunos tão ávidos por conhecer para então tornarem-se independentes no uso das tecnologias.”*

A empatia, a alteridade, a solidariedade, a capacidade de sentir-se realizado via conquista do outro esteve presente em todos os depoimentos: *“A entrega dos certificados ao final de cada ciclo é o mais emocionante, uma vez que percebe-se no olhar de cada um a felicidade e o poder da conquista, mesmo em idade mais avançada”; “Nunca houve um momento único. A cada aula, a cada pessoa, a cada olhar atento querendo aprender era um aprendizado diferente”; “Era uma forma de valorização tão grande, tão intensa, que era impossível não se emocionar, rir, vibrar com cada vida relatada ali. Eles se sentiam valorizados e únicos, assim como deve ser.”*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados apresentados nesta amostra não são novidade. Outros estudos já apresentaram dados semelhantes, como no trabalho de Cachioni e Aguilar (2008), segundo o qual “o convívio entre diferentes gerações atua como oportunidade de aprendizagem para todos.” (CAHIONI E AGUILAR, 2008a, p. 101). Para os mais velhos gera uma nova perspectiva educacional, a possibilidade de aprendizagem ao longo de toda a vida, para os jovens são apontados apenas benefícios tanto em suas vidas profissionais como educacionais.

Júnior *et al* (2014) ressaltam que iniciativas com estes propósitos oferecem formação e oportunidade de iniciação à docência aos alunos das licenciaturas, além de reforçar a aprendizagem profissional, a solidariedade e a cidadania. Para Leal (2016), ao conjugar atividades de ensino, pesquisa e extensão e transformá-los em atividades acadêmicas, os alunos educadores aplicam o que aprendem em suas respectivas instituições de ensino, adquirem outros conhecimentos na montagem dos minicursos e apostilas, aprendem a fazer pesquisas com moldes acadêmicos, têm chance de refletir criticamente sobre sua prática e aprendem com os mais velhos saberes e experiências reais, do mundo.

Magda Pischetola (2016) defende que os elementos essenciais para a inclusão digital e acrescenta-se aqui o letramento digital, perpassam pelo significativo acesso à informação, assim como pela capacidade de se desenvolver criticamente; pela seleção dos recursos pela

rede “e pelo intercâmbio de opiniões e informações que podem levar os sujeitos a participarem da vida política, aprofundar temas de seus interesses e conhecer e interpretar eventos mundiais.” (PISCHETOLA, 2016, p. 37). Este intercâmbio de conhecimento entre os jovens e os mais velhos, mediado pelas tecnologias digitais, pode ser potencializado pelos diferentes aprendizados que constroem juntos. Ética, discernimento, bom senso, respeito mútuo, persistência, superação de preconceitos e tantos outros, citados pelos jovens que participaram desta pesquisa, não se aprende na rede. Aprende-se com o toque, com olhar, quando se ouve, quando se ama. Assim sendo, nada mais justo, que finalizar este texto com dois depoimentos que sintetizam os sentimentos e aprendizados produzidos nesta convivência intergeracional: *“Os jovens muitas vezes acabam se beneficiando mais que os idosos, pois a partir de sua participação e conhecimento conseguem transmitir e receber novas experiências que serão usadas ao longo de sua vida”*; *“Vejo neles, o meu eu amanhã, e sinto-me no dever de respeitá-lo como meus semelhantes e como reflexo do meu próprio vir a ser”*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. V. T.; FERREIRA, N. M. DA C.; GONZALEZ, B. R. P. Blogs, celulares, tablets e rede sociais sob o olhar dos adultos mais velhos. In: III SEMANA DA FACED; VIII SEMANA DE EDUCAÇÃO; XI SEMINÁRIO ANUAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO PPGE. 2016, Juiz de Fora. **Anais...** UFJF. Disponível em: <http://www.ufjf.br/anaisdasemanadafaced/files/2017/02/ANAIS-Semana-da-Faced-2016.pdf>. Acesso em: 23 ag. 2017.

ALMEIDA, C. S. DE O.; MENEZES, T. M. DE O. A informática como alternativa de lazer no envelhecimento: revisão sistemática. **Paraninfo Digital Monográficos de Investigación en Salud**, México, Ano V, n. 14, set. 2011. Disponível em: <http://www.index-f.com/para/n14/176d.php>. Acesso em: 25 jul. 2016.

BLOG DA VOVÓ. Coordenação Andrea Toledo. Desenvolvido por alunos de graduação de faculdades públicas e particulares de Minas Gerais. Apresenta posicionamentos, ideias e atividades de idosos adeptos ao uso das tecnologias digitais. Disponível em: <http://blogdavovo.blogspot.com.br>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CACHIONI, M.; AGUILAR, L. E. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. **Revista Kairós**, São

Paulo, 11(1), p. 79-104, 2008a. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2512>. Acesso em: 14 set. 2017.

\_\_\_\_ Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras. **Revista Kairós**, São Paulo, 11(2), p. 95-119, 2008b. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2395/1488>. Acesso em: 12 set. 2017.

CACHIONI, M. **Envelhecimento bem-sucedido e a participação numa Universidade para a Terceira Idade**: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1998.

\_\_\_\_ **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidades da Terceira Idade**. Tese (Doutorado em Educação, Concentração em Gerontologia). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JÚNIOR *et al.* Conexões Sociais Digitais: Inclusão Digital para Adultos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL, 2014, Passo Fundo, **Anais...** Ed. Universidade de Passo Fundo. Disponível em: [http://gepid.upf.br/senid/2014/wp-content/uploads/2014/Artigos\\_Completos\\_1920/123647.pdf](http://gepid.upf.br/senid/2014/wp-content/uploads/2014/Artigos_Completos_1920/123647.pdf). Acesso em: 24 jan. 2018.

LEAL, M. de A. Inclusão Digital para Adultos: *smartphones*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL, 2016, Passo Fundo, **Anais...** Ed. Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <http://senid.upf.br/2016/images/pdf/151426.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2018.

LIVINGSTONE, S. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. **Matrizes**, São Paulo, p. 11-42, 2011. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/38290/41112>. Acesso em: 20 set. 2017.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3), p. 239-262, 1993. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300002). Acesso em: 12 jun. 2016.

PISCHETOLA, M. **Inclusão Digital e Educação**: a nova cultura da sala de aula. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

VERAS, R. P; CAMARGO J. K. R. Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida. In: VERAS, R. P. (org.). **Terceira Idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

ZIMERMANN, F. *et al.* Inclusão Digital na Terceira Idade. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 2011, Cruz Alta, **Anais...** Cruz Alta, p. 1-4. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2011/agrarias/INCLUS%C3%83%C6%92O%20DIGITAL%20NA%20TERCEIRA%20IDA DE.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2016.

**Recebido em abril 2018**

**Aprovado em junho 2018**